

UMA DECOMPOSIÇÃO DA MATERNIDADE

Aléxia Milena Gusso dos Santos¹

Lara Ehrlich (autora até então inédita no Brasil) nasceu nos Estados Unidos em 1981, e atualmente mora em Connecticut com seu marido e filha. Além de seus contos já terem aparecido em diversas revistas literárias estadunidenses, recentemente teve publicadas pela editora Red Hen Press doze de suas histórias, reunidas no volume intitulado *Animal wife: stories*, do qual selecionamos o conto que se encontra traduzido nessa coletânea, “Burn Rubber”. A autora também é a fundadora do projeto Thought Fox Writes Den e apresentadora do *podcast* Writer Mother Monster, que oferece a escritoras-mães solidariedade, apoio e conselhos.

Em “Burn Rubber”, ou aqui traduzido, “Queima Borracha”, a protagonista abandona sua casa, emprego, marido e filha para viver sozinha dentro de seu carro. Dentro desse espaço, dessa espécie de prisão acolhedora, a personagem passa por um processo de decomposição mental e física, em busca de sua própria identidade, anulada por anos de casamento e maternidade. Fugindo em alta velocidade para lugar nenhum na paisagem capitalista de Chicago, ela é obrigada a conviver consigo mesma, com seus pensamentos, impulsos, memórias, com seu corpo e seus cheiros, com suas fraquezas e com suas crueldades para se reconstruir como indivíduo.

Um dos temas (e talvez o principal) da narrativa é o apagamento da identidade da mulher após a maternidade. Não por acaso, a personagem principal não tem um nome próprio: é apenas referida uma vez pela narradora como “a mãe”. A única personagem a quem é dada um nome é a filha, Nora; sabendo disso, a autora nos permite fazer um movimento socialmente comum e reduzir a protagonista a “mãe de Nora”. Em *Mamãe desobediente*², Esther Vivas explora essa mesma questão: “A maternidade oprime, absorve. Como aproveitá-la e aprender com ela sem ser consumida? Sem ficar reduzida a “mãe” ou “mãe de”? Eis aqui o dilema de muitas feministas que não quiseram renunciar a ter crias.” (2021, p. 65). Podemos observar, no conto, explicitamente a origem desse apagamento quando a narradora nos diz, “Ela tinha planejado estudar fora do país. Seu marido prometeu que eles viajariam. [...] Ao invés disso, tinham comprado uma casa, tido uma filha”. Suas ambições e preferências foram relegadas por tanto tempo até o ponto em que a personagem já não consegue mais lembrar nem mesmo “o que desejava ser na época da faculdade” ou o que “gosta de comer”. Sequer sua sexualidade sobreviveu; sobre sua libido, a narradora conclui: “Levou anos, mas ela tinha aprendido a se conter”.

¹ Graduanda em Letras – Bacharelado Português e Inglês (Estudos da Tradução).

² VIVAS, Esther. *Mamãe desobediente: um olhar feminista sobre a maternidade*. São Paulo: Timo, 2021.

A ambivalência da maternidade é outra questão importante explorada no conto. A protagonista, ao mesmo tempo em que parece querer escapar da maternidade (“Depois que sua filha nasceu, estivera impaciente para voltar ao trabalho, onde era boa em alguma coisa”), não consegue, a princípio, abandonar Nora completamente de sua jornada, fazendo frequentes visitas furtivas de carro a sua escola para se certificar de que ela está bem. Além disso, podemos notar certo ressentimento da protagonista em relação à filha. Ao contrário dela, Nora ainda tem o privilégio de ter ambições, “Ela quer ser arqueóloga, artista de circo, escritora, uma médica como seu papai”, de ter tempo para desenvolver habilidades, como aprender espanhol, o que a mãe tanto deseja. Esse mesmo contraste do potencial em desenvolvimento rápido da filha com o potencial sufocado (pelo patriarcado, pela maternidade, pelo capitalismo) da mãe é explicitado de forma sucinta pela narradora em uma única sentença, “Cada soberana respiração de sua filha acabou fazendo dela uma mulher redundante”. Sobre esse mesmo tema, Esther Vivas (2021, p. 66) cita Adrienne Rich:

meus filhos me causam o sofrimento mais estranho que eu já experimentei. Trata-se do sofrimento da ambivalência: a alternância mortal entre o ressentimento amargo e o nervosismo sem limites, e a maior gratificação e ternura. [...] Talvez seja um monstro – uma antimulher –, um ser sem vontade, conduzido, e sem recursos para experimentar os consolos normais e atraentes do amor, da maternidade e da alegria nos outros.

Algumas escolhas de tradução que tivemos que fazer foram referentes a adequar alguns termos que, se traduzidos literalmente ou mantidos no original, não fariam sentido para o leitor brasileiro. É o caso do CD do curso de espanhol que a personagem ouve no carro, chamado originalmente “Rosetta Stone”. Embora exista atualmente no Brasil um software de ensino de línguas com o mesmo nome, pensamos que seria uma referência muito obscura; assim, escolhemos traduzir como “Espanhol para Iniciantes”, nome que se faz autoevidente. Similarmente, quando a protagonista considera para quem ligar quando atropela um coelho na rodovia, trocamos “animal control” por “Controle de Zoonoses”. Nos momentos finais do conto, quando ela pensa em dar a sua filha doente um “flat ginger ale”, ou seja, um refrigerante de gengibre sem gás, comumente usado nos Estados Unidos para aliviar náuseas, decidimos substituir a bebida por “chá de gengibre”.

Tomamos a liberdade de substituir o nome de duas regiões mencionadas no texto para que a leitura ficasse mais fluida; assim, “from Evanston’s putty-colored estates to the South Side’s hotels in desrepair” foi traduzido como “dos casarões beges da zona norte até os hotéis caindo aos pedaços da zona sul”; tomamos o cuidado de substituir “Evanston” por “zona norte” e “South Side” por “zona sul” respeitando a geografia da área de Illinois. Mais uma vez pela fluidez da leitura, traduzimos “on to the park where the heaving ash trees lull her into a Zen-like state” por “em direção ao parque, onde o balanço das árvores a embalam em um estado

de quietude”. Decidimos traduzir “ash trees”, literalmente, “freixos”, por apenas “árvores”, pelo fato de a espécie não ser comum no Brasil e não ter um significado imediato para o leitor brasileiro; todas as outras menções a “heaving ash trees” ao longo do conto foram traduzidas do mesmo modo, “o balanço das árvores”. Já no caso de “Zen-like state”, “um estado (do tipo) zen”, pensamos que “um estado de calma” não deixaria a desejar na manutenção do sentido e faria com que a leitura ficasse mais fluida do que com a alternativa literal.

Duas expressões foram objeto de muita discussão e acabaram sendo traduzidas de forma literal. É o caso do próprio título, “burn rubber”, expressão que faz referência ao ato de dirigir muito rápido; “queimar borracha” é uma expressão que existe em português brasileiro, embora não seja muito usada – como alternativa pensamos em “cantar pneu” ou “queimar pneu”, que descartamos por não soar tão bem, como título, quanto a alternativa que acabamos escolhendo. Acreditamos que “queima borracha”, apesar de não ser imediatamente claro para o leitor (e considerando que talvez isso seja um bônus ao invés de um ônus), se fará entender uma vez que ele tenha lido o conto e encaixe o título em seu contexto. A outra expressão é “bumper to bumper”, que aparece três vezes no texto, e cujo significado principal seria o modo como os para-choques quase se tocam num engarrafamento. Como a expressão “para-choque com para-choque” não existe no nosso idioma, pensamos em substituí-la apenas por seu significado, “no engarrafamento, ...”, mas não ficamos satisfeitas com a perda da força imagética da expressão (força imagética reforçada ainda mais pela autora por meio de suas reiteraões), preferindo mantê-la e arriscar causar no leitor um certo estranhamento com a tradução literal da expressão, confiando na possibilidade de que esse estranhamento seja produtivo.

Esperamos que a leitura de “Queima Borracha” traga ao leitor questionamentos, certos incômodos, e talvez algumas respostas sobre as múltiplas complexidades presentes na ficção e na realidade vivida da maternidade. E como em toda literatura, que ela ou ele se veja em certas partes do texto, se descubra nelas, ou, não se vendo, que procure descobrir a/o outra/o.

BURN RUBBER

In the middle of the night, the mother empties her car onto the lawn. Goodbye, gym clothes, old car seat, clothes she’s been meaning to dry clean. She crawls into the back seat, where she hasn’t been since college when her boyfriend accompanied her home for spring break. They’d snuck out of her parent’s house to the nature reserve parking lot. She’d gone down on him as headlights swept through the woods.

The seats are crusty. Cheez-Its grind to powder under her knees. The vacuum gasps. She scrubs the windows until she can see herself in them, the night mess of her hair. She wipes down the dash and hangs a new pine air freshener from the rearview mirror. Her fingers twitch across her nightgown. Her neighbors’ houses are dark.

She uncoils the hose from the garage and swamps the car until it glistens. Turns the stream on herself, shocking her hot skin. At close range, the pressure pounds into her, but she welcomes the cleansing pain. In the morning, she will have bruises.

Bumper to bumper, she sits in silence. Her silk shirt digs into her armpits. She used to listen to NPR, but pop is easier to digest. Her brain is going dark.

Breathing deep the scent of pine, she turns on Rosetta Stone, which she never has the patience to finish. Her daughter still sings the Spanish songs she learned in daycare.

She creeps forward, flanked by indistinguishable hotel façades; chain restaurants; blank office buildings; billboards for box stores, politicians, furniture. One is blank except for the words “Your Message Here.” The ruler edge of the horizon remains constant, as if she is not moving at all. In high school, she blasted Nirvana with the windows down. In college, she road-tripped thousands of miles across back roads. Now, the car shakes on the highway, and she hasn’t driven above fifty in years.

She runs the noon status meeting daydreaming of speed. After her daughter was born, she was eager to get back to work where she was good at something. She’d been surprised by her aptitude for selling greeting cards. She can’t remember what she’d wanted to be in college.

During her lunch hour, she tours Lincolnwood, snacking on Danish samples from the bakery where she never buys anything. She drives through the Starbucks, and on to the park where the heaving ash trees lull her into a Zen-like state. At Borders, she browses the self-help aisle.

Bumper to bumper on the highway with the windows sealed, she screams and screams.

The lights are on in the kitchen, where her daughter is setting the table without having been asked. Only six, and already so disciplined. She wants to be an archaeologist, a circus performer, a writer, a doctor like her daddy.

Some experts say it’s good for girls to have working moms. For her daughter to see her as more than just a mother. She often thinks she should struggle more with work-life balance. Her daughter’s every sovereign breath has made her redundant.

She gathers the groceries, leaving one bag in the car. It contains five packages of Oreos, dry shampoo, diapers, and cherry-red Abandon lipstick she didn’t pay for.

Her car’s purr invades her dreams and thrums in her blood. Her husband didn’t note the bruises. They used to walk around the house naked; she’d sneak up behind him as he washed dishes and run her finger up his ass crack.

Now, she braids her daughter’s hair. Packs Nora’s lunch and watches out the window to make sure she gets on the kindergarten bus okay.

It’s a relief to slip into the driver’s seat and move toward something again.

During her lunch break, she curls up on the back seat. Rain blurs the windows. She scrapes the cream filling from an Oreo with her teeth. She is naked beneath the blanket she has

stowed here. Today's silk shirt – again with too-tight sleeves – serves as a pillow. She sleeps better in the car than in her own bed, where her husband breathes too loud.

Power lines sway in the rain. She twists the top off another Oreo. Lunch hour ends. She drifts in and out of a dream about the nature reserve, the owl's gaze cutting through the car windows like headlights, the ground littered with bones. She had been afraid of her own ravenous hunger. At the beginning, she'd ride her husband until he fell asleep, and then lie awake, her body humming. It had taken years, but she'd learned to hold back. Now she's the one who turns away.

Umbrellas crowd into the rain and car doors slam around her. Tires screech on wet pavement. Headlights turn the insides of her eyelids red. She has never fully appreciated the day's slow descent. It would make a nice poem, best expressed in Spanish. She still doesn't know Spanish.

Her husband calls. She doesn't have to answer to hear his voice, the one he adopts when counseling patients. Take some time for yourself, he'd tell her. But she doesn't need his permission. She twists apart two more Oreos. She should be making dinner. Her husband was raised on meat and potatoes; Nora's a picky eater. She's forgotten what foods she likes.

The lights in the parking lot shut off. She almost wishes she'd brought a book, but it's better this way. She tries to remember how to be alone with herself.

She merges onto the highway, grinding the gas pedal into the bones of her bare foot. The car begins to rattle. At fifty, sixty, seventy, it shakes as if coming apart, groaning in the thrall of speed. She skirts the other cars. Their horns rupture the silence, the gas pedal jams against the floor. The horns fade into mournful goose calls behind her. Past her office, past her daughter's school, past her house on the cul-de-sac, waving her silk shirt out the window like a racing flag.

As the sun rises, she glides along Lake Shore Drive from Evanston's putty-colored estates to the South Side's hotels in disrepair. On her left, the lake. She turns on Rosetta Stone. She'd planned to study abroad. Her husband promised they'd travel. But the dog – long since dead – had needed hip surgery. They'd bought a house, had a daughter, instead.

She will prevail this time, until she dreams in Spanish. In Hyde Park, she turns around and starts back up Lake Shore., repeating simple phrases. *No entiendo. ¿Te gustaría bailar conmigo? Estoy perdido. ¿Dónde está el baño?* She rolls down the windows, inviting the wind to scramble her hair. The sun heats her head, suffusing the car with the scent of scalp.

She turns on her phone just long enough to see that she has six messages and turns it off again without listening. She orders a cheese Danish with her coffee. Then two. The cashier is too chatty; her words spill across the counter and pool on the floor. She lurches back, as if to protect her shoes. The soft motor purr permeates the bakery, becoming a growl that makes her bones throb. She spins away from the cashier midsentence. The bell above the door jangles behind her as she runs for the car.

In the Borders parking lot, she watches the shoppers go in and out.

She puts on her makeup and checks into Skype for the noon status meeting, which she runs as smoothly as if she were at the conference table. Her team is convinced she's on a sales trip. While they talk, she admires how the stolen lipstick sets off her eyes.

She sleeps in the lot behind the shuttered Stop & Shop. As a teen, she and her girlfriends had hung out here for hours, smoking on the curb, daring each other to shoplift perfume. One evening, a car packed with older boys pulled up alongside them. Her friend got in and they drove away. The girls waited, shivering on the hot pavement and arguing about whether to call the police. They did nothing, until the car finally swung through the lot again, releasing their friend to the curb, giddy and glassy-eyed. She'd wondered, though never asked, what could have made her friend look that way. She pulls the blanket to her chin, breathing in the pine air.

She rockets through her neighborhood's quiet zone blasting Nirvana, flouting the ordinance she'd helped pass. Parks behind the bushes across from the elementary school. The air freshener is losing its potency. She wraps it in a tissue to preserve the last trace of pine. In its place, she hangs a coconut freshener, aura of the Caribbean. Nora gets off the bus laughing, carrying lunch, hair braided. She wants to kick the gas and slam windshield-first into the school's brick wall.

She orders at the Starbucks drive-through, then pushes on toward the heaving ashes. She grinds the gas pedal into her foot until the car begins to shake. A rabbit darts into the road.

She swerves, splashing coffee across her legs, and careens to a stop. Tries and fails to resist looking in the rearview mirror where the stunned creature drags itself in a circle. Its hindquarters are crushed, its eyes wide and staring. She should call animal control – or put it out of its misery. She should wrap it in her silk shirt and take it to the vet. Move it out of the road, at least. She opens the door.

It's like blowing a hole in an airplane midflight. She gasps, shuddering. Her hands go white, the road breaks into static. The soft motor purr becomes a growl, then a roar of blood in her ears. The seatbelt digs into her gut. She releases the buckle, but the roaring pressure holds her fast. She pushes against it, swings her legs into the wide-open air and retches. Coffee seeps down her tan slacks. The thump of bass as another car swerves, windows down, around the rabbit and the ash trees and the children playing in the park. The roar, the smell of burnt coffee. Her pants are dry clean only.

She slams the door. The air pressure seems to level out again, and the roar quiets. Her breathing slows. She slumps against the seat, watching the rabbit crawl for the trees.

A car wash is restorative. She welcomes the thrust of the water, the slap of the rags, the heavy spurt of the hoses. When she signs the bill through the car window, she asks if they have pine air fresheners, but there's only bubblegum. She takes three.

She'd never before appreciated the accessibility of everyday things: coffee, cash, fast food, gas. If only bathrooms had drive-through, and liquor stores. She pays strangers to buy her white wine and pees in Tupperware. She tosses her toilet paper at the edge of the park. Scrubs her armpits with baby wipes and washes her hair out the window, dry shampoo flaking onto the pavement. Dental gum strips the grit from her teeth. She finds drive-through salads inadequate, but needs the nutrients. She makes most of what she has, like those shows about confronting the wild with nothing more than a ball of string and a tarp.

She turns down unfamiliar streets, only to end up on the highway again.

The radio dies. At first, she welcomes the silence. Then, she becomes aware of her stomach gurgling, her throat constricting. She forgets to breathe and sighs in gusts. The air conditioner whistles. The brake pedal squeaks. Something rattles in the back, but she can't find its source.

She stops for hitchhikers, just for conversation. Some ask what happened to her, and she pretends not to speak English. She only takes them as far as the state line.

She watches the shoppers go in and out until Borders closes. She must have missed the status meeting. She hoards her lipstick in the glove compartment. Behind the shuttered Stop & Shop, she sleeps deeply now.

Nora gets off the bus. Braids, lunchbox, backpack. She used to want to paint every day after daycare. She'd squeeze out all the colors and mix them into gray with fingers. "Paint with me, Mama," she'd demand. She'd painted anything her daughter wanted.

In the last year, Nora had decided she'd rather draw with pencils, by herself. She sat beside her daughter, waiting for a moment she might be useful, her hand on Nora's back.

She sits long after the buses clear. Her diaper is wet, but hasn't reached capacity. She's down to one roll of toilet paper. Out of gum.

Bumper to bumper, she cracks the window. It draws in exhaust from the truck ahead.

When she takes the car for an oil change, the mechanic asks her to wait in the lobby. There's a television and a coffeepot, he says, as if to tempt her. When she says she'd prefer to stay in the car, he just shakes his head and steps aside so she can drive onto the platform. She rises like a Viking maiden on a funeral pyre.

Past hotel façades, chain restaurants, blank offices, billboards, toward the ruler edge of the horizon. She should bust through the state line and drive until she runs out of gas, until she stumbles from the bowels of the car onto unfamiliar ground. Instead, she exits toward Starbucks, Borders, the heaving ashes.

Diapers fester on the back seat. Hitchhikers refuse riders. Her teeth are loose, and she doesn't remember the last time she Skyped into work. She has become intimate with the sweet and sour scent of her body, her moldering, below ground stink. Her breath, her greasy scalp, her moist armpits and ripening vagina, like sourdough bread baking.

She parks across from the school as the buses line up, their windows fogged with breath. The doors open, and as the kids step off the bus, she almost expects them to go up in flames the second they touch the ground. She grips the wheel, but they file onto the sidewalk and drag their feet toward school. The doors close without her daughter.

She doesn't remember the last time she turned on her phone. She digs it out of a tissue mound, but the battery's dead.

Nora is home sick, or missed the bus, or she was plucked from the sidewalk by a carful of boys. A motherless child is easy prey.

The last bubblegum air freshener has faded. Her legs stick to the seat. Her fingers are puffy on the wheel, her nails ragged. She avoids her face in the rearview mirror.

Her house is dark. She inches forward, scraping the lawn, straining to see into the living room window that only reflects her own car. It would be so easy to slip inside. She could take a shower, eat a hot meal, watch TV.

Nora appears on the front steps. She is wearing pajamas. Her feet are bare, her cheeks flushed. Her hair feathers around her head. She looks a little lost, as though she's been sleepwalking. Ever disciplined, she remains on the steps. She is not allowed out of the house alone. Rocks on her heels, regarding the car like a wary animal.

It's good for girls to learn self-sufficiency, to have ambitious moms. She should scoop Nora into the house and administer chicken soup and flat ginger ale. They'd watch cartoons, and she'd curl protectively around Nora's body, pressing it into her own. She should turn off the ignition. Apologize, at least. Push back against the roar. But if she gets out, it will mean she has arrived.

She hits the locks and tears off the lawn, grinding the gas pedal into her foot until it aches.

As she rounds the cul-de-sac, she tries and fails to resist looking in the rearview mirror where Nora is running across the raw lawn. Running for the road.

QUEIMA BORRACHA

De madrugada, a mãe esvazia seu carro no gramado. Adeus, roupas de academia, cadeirinha velha, roupas que ia deixar na lavanderia para lavar a seco. Ela rasteja até o banco de trás, onde não tinha estado desde a época da faculdade, quando seu namorado a acompanhou de volta para casa nas férias de julho. Eles saíram escondidos da casa de seus pais para o estacionamento da reserva florestal. Ela tinha chupado ele enquanto luzes de faróis atravessavam a mata.

Os bancos estão encrustados. Cheetos esfarelam sob seus joelhos. O aspirador arfa. Ela esfrega as janelas até conseguir ver-se nelas, a desordem noturna de seu cabelo. Passa um pano no painel e pendura um aromatizante de pinho no espelho retrovisor. Seus dedos trêmulos alisam sua camisola. As casas dos vizinhos são um breu.

Ela desenrola a mangueira da garagem e molha o carro até que ele brilhe. Vira o jato para si mesma, pegando de surpresa sua pele quente. À queima roupa, a pressão a fustiga, mas ela acolhe com prazer a dor catártica. Pela manhã, ela vai ter hematomas.

Para-choque com para-choque, ela se senta em silêncio. A camisa de seda aperta suas axilas. Ela costumava ouvir a estação NPR, mas pop é mais fácil de digerir. Seu cérebro está começando a ficar um breu.

Respirando fundo o cheiro de pinho, aperta play no Espanhol para Iniciantes, que ela nunca tem a paciência de terminar. A sua filha ainda canta as músicas em espanhol que aprendeu na creche.

Ela avança furtivamente, ladeada por fachadas de hotéis indistinguíveis; restaurantes de fast food; inexpressíveis prédios de escritórios; outdoors com propagandas de atacarejos, políticos, móveis. Um está em branco, exceto pelas palavras “Sua Mensagem Aqui”. O limiar reto do horizonte permanece constante, como se ela não estivesse nem se movendo. No ensino médio, escutava Nirvana bem alto com as janelas abertas. Na faculdade, viajava milhares de quilômetros por entre estradas secundárias. Agora, o carro treme na rodovia, e ela não dirigia acima de oitenta quilômetros por hora há anos.

Ela comanda a reunião do meio-dia sonhando acordada com a velocidade. Depois que sua filha nasceu, ela estivera impaciente para voltar ao trabalho, onde era boa em alguma coisa. Tinha ficado surpresa com a sua aptidão para vender cartões comemorativos. Ela não consegue se lembrar o que desejava ser na faculdade.

Durante sua hora de almoço, passeia por Lincolnwood, beliscando umas amostras grátis de doce folhado da padaria onde ela nunca compra nada. Ela dirige passando pela Starbucks, em direção ao parque, onde o balanço das árvores a embalam em um estado de quietude. Na livraria Borders, dá uma olhada na seção de autoajuda.

Para-choque com para-choque na rodovia com as janelas fechadas, ela grita e grita.

As luzes estão acesas na cozinha, onde sua filha está arrumando a mesa sem que ninguém precise pedir. Só seis anos, e já tão disciplinada. Ela quer ser uma arqueóloga, uma artista de circo, uma escritora, uma médica como seu papai.

Alguns especialistas dizem que é bom para as meninas terem mães que trabalham fora. Para que sua filha possa vê-la não apenas como mãe. Ela sempre pensou que deveria ter mais dificuldade em equilibrar sua vida pessoal com sua vida profissional. Cada soberana respiração de sua filha acabou fazendo dela uma mulher redundante.

Ela pega as compras, deixando uma sacola no carro. Dentro tem cinco pacotes de Oreos, xampu a seco, fraldas e um batom vermelho-cereja da marca Abandon pelo qual ela não pagou.

O ronronar do carro invade seus sonhos e reverbera em seu sangue. Seu marido não notou os hematomas. Eles costumavam andar pela casa nus; ela ia de fininho atrás dele enquanto ele lavava a louça e dava uma passada de dedo no meio da sua bunda.

Agora, ela faz uma trança no cabelo da sua filha. Embala o almoço de Nora e fica olhando pela janela para ter certeza de que ela entre direitinho no ônibus da creche.

É um alívio sentar no banco do motorista e ir em direção a alguma coisa de novo.

Durante seu horário de almoço, ela se encolhe no banco de trás. A chuva embaça as janelas. Ela raspa o recheio de creme de um Oreo com os dentes. Está nua debaixo do cobertor que ela tinha escondido. A camisa de seda de hoje – outra com mangas apertadas demais – serve de travesseiro. Dorme melhor no carro do que na sua própria cama, onde seu marido respira alto demais.

Fios de energia balançam na chuva. Girando a mão, ela tira a parte de cima de um Oreo. A hora do almoço termina. Num estado semiconsciente, sonha com a reserva florestal, o olhar fixo da coruja atravessando as janelas do carro como luzes de faróis, o chão repleto de ossos. Ela ficara com medo da sua própria fome voraz. No começo, cavalgava seu marido até ele cair no sono, e então ficava deitada com os olhos abertos, seu corpo zumbindo. Tinha levado anos, mas ela tinha aprendido a se segurar. Agora é ela quem vira para o outro lado.

Sombrinhas se amontoam na chuva e portas de carros batem com força ao seu redor. Pneus cantam no asfalto molhado. Luzes de faróis deixam o interior de suas pálpebras vermelho. Ela nunca apreciou completamente o lento passar do dia. Faria um bom poema, especialmente se escrito em espanhol. Ela ainda não sabe espanhol.

Seu marido liga. Ela não precisa atender para ouvir sua voz, a que ele adota quando vai aconselhar pacientes. Tire um tempo para si mesma, ele diria. Mas ela não precisa da sua permissão. Girando a mão, separa mais dois Oreos. Deveria estar fazendo o jantar. Seu marido cresceu comendo carne e batatas; Nora é fresca para comida. Ela esqueceu de que comidas gosta.

As luzes no estacionamento se apagam. Quase deseja ter trazido um livro, mas é melhor assim. Ela tenta se lembrar de como é estar sozinha consigo mesma.

Ela entra na rodovia, pisando fundo no acelerador contra os ossos de seu pé descalço. O carro começa a sacudir. A oitenta, noventa, cem, ele treme como se fosse desmontar, rangendo sob o poder da velocidade. Ela passa tirando uma fina dos outros carros. Suas buzinas rompem o silêncio, o acelerador pressiona contra o chão. As buzinas se transformam em tristes grasnados de ganso atrás dela. Passando pelo seu escritório, passando pela escola de sua filha, passando pela sua casa na rua sem saída, fazendo tremular sua camisa de seda para fora da janela como uma bandeira de corrida.

Enquanto o sol nasce, ela desliza pela rodovia Lake Shore, dos casarões beges da zona norte até os hotéis caindo aos pedaços da zona sul. À sua esquerda, o lago. Aperta play no Espanhol Para Iniciantes. Ela tinha planejado estudar fora do país. Seu marido prometeu que eles viajariam. Mas o cachorro – há muito morto – precisara de uma cirurgia no quadril. Ao invés disso, tinham comprado uma casa, tido uma filha.

Ela vai persistir dessa vez, até que sonhe em espanhol. Chegando ao Hyde Park, ela faz o retorno na Lake Shore, repetindo frases simples. *No entiendo. ¿Te gustaría bailar conmigo? Estoy perdido. ¿Dónde está el baño?*. Ela abaixa os vidros, convidando o vento a bagunçar seu cabelo. O sol aquece sua cabeça, impregnando o carro com o cheiro de couro cabeludo.

Ela liga seu celular só tempo suficiente para ver que tem seis mensagens e o desliga de novo, sem ouvi-las. Pede um doce folhado de queijo com seu café. E depois dois. A moça do caixa fala demais; suas palavras se espalham pelo balcão e empoçam no chão. Ela dá um passo para trás, como se quisesse proteger seus sapatos. O ronronar suave do motor permeia a padaria, se tornando um rosnado que faz seus ossos latejarem. Ela dá as costas para a atendente, que continua falando. O sino em cima da porta faz um barulhinho atrás dela enquanto ela corre para o carro.

No estacionamento da livraria Borders, fica olhando os clientes entrarem e saírem.

Ela faz a sua maquiagem e entra no Skype para a reunião do meio-dia, que ela comanda facilmente, como se estivesse na própria mesa de conferências. Sua equipe tem certeza de que está numa viagem de negócios. Enquanto eles falam, ela admira como o batom roubado realça seus olhos.

Ela dorme no estacionamento vazio atrás do mercado Stop & Shop. Quando era adolescente, ela e suas amigas tinham passado muito tempo aqui, fumando na calçada, desafiando umas às outras a roubar perfume. Uma noite, um carro cheio de meninos mais velhos parou perto delas. Sua amiga entrou e eles foram embora. As meninas esperaram, tremendo sobre o asfalto quente e discutindo sobre chamar ou não a polícia. Não fizeram nada, até que o carro finalmente apareceu no estacionamento de novo, libertando a amiga delas na calçada, tonta e com o olhar vidrado. Ela tinha se perguntado, embora nunca em voz alta, o que poderia ter deixado sua amiga daquele jeito. Ela puxa o cobertor até o queixo, respirando o ar de pinho.

Ela passa como um foguete pela zona silenciosa da sua vizinhança, ouvindo Nirvana bem alto, zombando do decreto que ela mesma tinha ajudado a aprovar. Estaciona atrás dos arbustos do outro lado da rua da escola primária. O aromatizador está ficando fraco. Ela o embrulha em um lenço para preservar o último vestígio de pinho. No seu lugar, pendura um de coco, aura do Caribe. Nora sai do ônibus rindo, carregando sua lancheira, cabelo com tranças. Ela quer pisar no acelerador e bater em cheio contra a parede de tijolos da escola.

Ela faz um pedido no *drive-thru* da Starbucks, depois vai em direção ao balanço das árvores. Pisa fundo no acelerador até que o carro começa a tremer. Um coelho irrompe na estrada.

Ela desvia o carro, esparramando café nas suas pernas, e freia derrapando. Tenta e não consegue resistir olhar pelo espelho retrovisor, onde a criatura aturdida se arrasta em círculos. Suas patas traseiras estão esmagadas, seus olhos arregalados. Ela deveria ligar para o Controle de Zoonoses – ou acabar com seu sofrimento. Deveria enrolá-lo na sua camisa de seda e levá-lo ao veterinário. Tirá-lo do meio da estrada, pelo menos. Ela abre a porta.

É como abrir um buraco num avião em pleno voo. Ela respira com dificuldade, tremendo. Suas mãos empalidecem, a estrada emite um som estático. O ronronar suave do motor se torna um rosnado, depois um ruído de sangue em seus ouvidos. O cinto de segurança aperta sua barriga. Ela solta a fivela, mas a pressão ruidosa a segura com força. Ela resiste, põe suas pernas para fora do carro e quase vomita. Café escorre pela sua calça social marrom. A vibração grave da onda sonora à medida que outro carro desvia, com as janelas abertas, do coelho e das árvores e das crianças brincando no parque. O ruído, o cheiro de café queimado. Sua calça só se lava a seco.

Ela bate a porta com força. A pressão do ar parece voltar ao normal de novo, e o ruído se aquieta. Sua respiração desacelera. Ela se deixa relaxar contra o banco, olhando o coelho se arrastar em direção às árvores.

Uma lavagem de carro é revigorante. Ela aceita com prazer a propulsão da água, os estalos dos esfregões, os esguichos fortes das mangueiras. Quando paga a conta pela janela do carro, pergunta se eles têm aromatizadores de pinho, mas eles só têm de chiclete. Ela leva três.

Ela nunca tinha dado valor à acessibilidade das coisas do dia a dia antes: café, dinheiro, fast food, gasolina. Quem dera banheiros tivessem *drive-thru*, e lojas de bebidas. Ela dá dinheiro a estranhos para comprarem vinho branco para ela e faz xixi em Tupperwares. Descarta seu papel higiênico nos arredores do parque. Esfrega suas axilas com lençinhos umedecidos e lava seu cabelo colocando a cabeça para fora da janela, xampu a seco caindo em flocos no asfalto. Chiclete tira a crosta dos seus dentes. Ela acha saladas de *drive-thru* impróprias, mas precisa dos nutrientes. Faz o máximo que pode com o que tem, como naqueles programas de TV sobre enfrentar a selva com apenas um rolo de barbante e uma lona.

Ela percorre ruas desconhecidas, só para acabar na rodovia de novo.

O rádio estraga. Num primeiro momento, ela aceita com prazer o silêncio. Depois, se torna consciente do gorgolejar de seu estômago, da sua garganta apertando. Ela esquece de respirar e solta longos suspiros. O ar-condicionado assobia. O pedal do freio range. Alguma coisa faz um barulho na traseira, mas ela não consegue descobrir o quê.

Ela dá carona a mochileiros, só para conversar. Alguns perguntam o que aconteceu com ela, e ela finge não falar inglês. Ela só os leva até a fronteira estadual.

Fica olhando os clientes entrarem e saírem até que a Borders feche. Deve ter perdido a reunião. Esconde seu batom no porta-luvas. Atrás do Stop & Shop, ela dorme profundamente agora.

Nora sai do ônibus. Tranças, lancheira, mochila. Ela costumava querer pintar todos os dias depois da creche. Espremia todas as cores e as misturava com os dedos até tudo ficar cinza. “Pinte comigo, mamãe,” ela exigia. Ela pintava tudo o que sua filha quisesse.

No último ano, Nora tinha decidido que preferia desenhar com lápis, sozinha. Ela sentou do lado de sua filha, esperando por um momento em que poderia ser útil, sua mão repousando nas costas de Nora.

Ela fica até muito depois que os ônibus vão embora. Sua fralda está molhada, mas ainda não está cheia. Ela só tem mais um rolo de papel higiênico. O chiclete acabou.

Para-choque com para-choque, ela abre um pouco a janela. A fumaça do escapamento do caminhão em frente entra pela fresta.

Quando leva o carro para uma troca de óleo, o mecânico pergunta se ela quer esperar na recepção. Tem uma televisão e uma garrafa de café, ele diz, para tentar convencê-la. Quando ela diz que prefere ficar no carro, só balança a cabeça, dando um passo para trás para que ela possa dirigir até a plataforma. Ela ascende como uma donzela viking numa pira funerária.

Passando por fachadas de hotéis, restaurantes de fast food, inexpressíveis escritórios, outdoors, em direção ao limiar reto do horizonte. Ela deveria romper a fronteira estadual e dirigir até ficar sem combustível, até despencar das entranhas do carro e esbarrar em território desconhecido. Ao invés disso, ela sai em direção à Starbucks, à Borders, ao balanço das árvores.

Fraldas apodrecem no banco de trás. Mochileiros recusam caronas. Seus dentes estão moles, e ela não se lembra da última vez em que entrou no Skype para uma reunião de trabalho. Se tornou íntima do odor agridoce do seu corpo, do seu fedor putrefato, subterrâneo. Seu hálito, seu couro cabeludo oleoso, suas axilas úmidas e o azedo de sua vagina, como fermento de pão.

Ela estaciona do outro lado da rua da escola enquanto os ônibus se enfileiram, suas janelas embaçadas e úmidas. As portas se abrem, e no momento em que as crianças saem do ônibus, ela quase espera que sejam consumidas por chamas no segundo em que seus pés toquem o chão. Aperta com força o volante, mas elas formam fila na calçada e lentamente seguem em direção à escola. As portas se fecham sem a sua filha.

Ela não se lembra qual foi a última vez que ligou seu celular. O desenterra de uma pilha de lenços de papel, mas está sem bateria.

Nora ficou doente e está em casa, ou perdeu o ônibus, ou foi recolhida da calçada por um carro cheio de garotos. Uma criança sem mãe é presa fácil.

O último aromatizador de chiclete não tem mais cheiro. Suas pernas se colam ao assento. Seus dedos estão inchados no volante e suas unhas, quebradiças. Ela evita seu rosto no espelho retrovisor.

Sua casa é um breu. Ela avança devagar, rente ao gramado, tentando ver através da janela da sala com dificuldade, mas ela apenas reflete seu próprio carro. Seria tão fácil apenas entrar. Poderia tomar um banho, comer uma comida quente, assistir TV.

Nora aparece nos degraus na frente da casa. Ela está de pijama. Seus pés estão descalços, suas bochechas vermelhas. Seus cabelos flutuam ao redor da sua cabeça. Ela parece um pouco perdida, como se estivesse sonâmbula. Sempre disciplinada, permanece nos degraus. Ela não tem permissão para sair de casa sozinha. Pega de surpresa, analisa o carro como um animal desconfiado.

É bom para as meninas aprenderem autossuficiência, terem mães ambiciosas. Ela deveria pegar Nora no colo, levá-la para dentro de casa e dar a ela canja de galinha e chá de gengibre. Elas assistiriam desenho animado, e ela abraçaria Nora de forma protetora, pressionando o corpo dela contra o seu. Ela deveria desligar a ignição. Se desculpar, pelo menos. Resistir ao ruído. Mas se ela sair, vai significar que ela chegou.

Ela trava as portas e arranca do gramado, pisando fundo no acelerador contra seu pé, até começar a doer.

Enquanto dá a volta na rua sem saída, ela tenta e não consegue resistir olhar pelo espelho retrovisor, onde Nora está correndo pelo gramado malcuidado. Correndo em direção à estrada.

REFERÊNCIAS

EHRLICH, Lara. Burn rubber. *Animal wife: stories*. Pasadena: Red Hen Press, 2020. pp. 90-97.

VIVAS, Esther. *Mamãe desobediente: um olhar feminista sobre a maternidade*. São Paulo: Timo, 2021.